

## Gás-street

*Nina Furukawa*

A pequena farmácia do quarteirão está sob nova direção. Helena, que atendia com uma mão no bolso do avental branco por mais de 37 anos, não está mais lá. Entrei para pegar o remédio do estômago e soube da notícia. Quis sair de ré para voltar no tempo e des-receber a informação de que Helena se aposentou e foi para o sítio. O toldo azul desbotado compondo o nome da família, que empresta a identidade para o comércio de bairro, está recolhido no dia mais frio do ano.

Por aqui o sol de outono esquentava somente quem mergulha nele. Não ouse ficar na sombra, você pode tropeçar. O chaveiro Luiz que sempre preferiu as calçadas iluminadas deixou de existir mês passado. Covid levou as trancas, a cabeleira ruiva, o sorriso solto e as latinhas de cerveja que ocupavam sempre a mão esquerda. Ele alinhou as fechaduras da minha casa quando me mudei há 25 anos. Fez as cópias de chaves que um dia esqueci na padaria e que recolheram sabendo de quem era. Quem compartilha bons-dias sabe quem são os donos de chaves perdidas.

Na padaria, vi que o homem que atende o caixa ainda continua em pé. Apesar da memória que já não é mais a mesma, os dedos cansados de conferir troco, a vontade de esticar os domingos, Maguila está lá. Ele não sabe, mas passei em frente só para ver se continuava mesmo. Afinal, Helena não encontrei, Luiz já se foi e algumas ruas mudaram de sentido. Ainda é estranho entrar na rua Padre Carvalho pela contramão, porque por mais de 40 anos, era por ali que o 506-Sacomã me levava para escola. Ruas que vão para escolas nunca deveriam estar na contramão.

O bairro mudou. O Álvaro, que conta sobre a beleza das pequenas rotinas, me fez reparar nisso hoje: o que é finitude, transformação ou mera substituição. A cidade está em constante mudança, clichê, eu sei, mas a gente só se dá conta quando não encontra mais a Helena atrás do balcão. Eu relato para o filho, sem motivo algum, que foi naquela farmácia que furei as orelhas sem a permissão do meu pai. Seguimos caminhando e antes da esquina, numa linha de tempo só minha, atino que Helena nem trabalhava lá ainda. A gente se acostumou a construir sobre ruínas. Enquanto isso, mãe e filho em



passadas conjuntas na calçada, terminam a conversa em silêncio, sem saber o que é invenção e o que é saudade.

